

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Simone de Oliveira Ferraz

**OUVIR, NÃO OUVIR E O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: A  
INCLUSÃO DO ENSINO DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Ouro Preto  
2023**

**SIMONE DE OLIVEIRA FERRAZ**

**OUVIR, NÃO OUVIR E O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: A  
INCLUSÃO DO ENSINO DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.  
Orientador: Professor Dr. Jacks Richard de Paulo.

**Ouro Preto  
2023**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F381o Ferraz, Simone de Oliveira.  
Ouvir, não ouvir e o processo de ensino e de aprendizagem  
[manuscrito]: a inclusão do ensino de libras na educação básica. / Simone  
de Oliveira Ferraz. - 2023.  
24 f.

Orientador: Prof. Dr. Jacks Richard de Paulo.  
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Educação - Estudo e ensino - Prática. 2. Educação Básica. 3.  
Inclusão escolar - Estudantes surdos. I. Paulo, Jacks Richard de. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Simone de Oliveira Ferraz

### OUVIR, NÃO OUVIR E O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: A INCLUSÃO DO ENSINO DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 11 de dezembro de 2023

#### Membros da banca

Professor Doutor Jacks Richard de Paulo / Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professora Doutora Helena Azevedo P de Almeida - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professor Doutor Clayton José Ferreira - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professora Doutora Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professora Doutora Rosangela Márcia Magalhães - Universidade Federal de Ouro Preto

Professor Doutor Jacks Richard de Paulo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2024



Documento assinado eletronicamente por **Jacks Richard de Paulo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/11/2024, às 10:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0804855** e o código CRC **626A8405**.

**“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”.**

Paulo Freire

## **Resumo**

Recentemente, a sociedade vem presenciando a necessidade e prioridade de adensar as pesquisas em diferentes áreas de conhecimento sob a perspectiva de promover mudanças sociais rumo a uma sociedade inclusiva. No campo educacional, tem sido recorrente o relato de experiências dos professores, que vem apontando tanto os desafios quanto as estratégias que são criadas para inclusão do aluno surdo. Nesse sentido, o objetivo principal consistiu em refletir sobre os desafios e as possibilidades do professor para a implementação de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos surdos na educação básica. Para tal, buscou-se refletir sobre as múltiplas vivências e experiências da trajetória de vida atreladas a literatura acadêmica, desvelando os percursos, os desafios e as estratégias implementadas pelos docentes que atuam nos anos iniciais da educação para inclusão do aluno surdo. Evidenciou-se que pensar sobre as práticas pedagógicas para a inclusão de surdos de modo mais sólido, requer que os professores tenham um maior aprendizado da Libras para que possam promover a mediação de seus alunos.

**Palavras-chave:** Práticas Pedagógicas, Educação Básica, Inclusão do Aluno Surdo.

## **Abstract**

Recently, society has seen the need and priority to increase research in different areas of knowledge from the perspective of promoting social changes towards an inclusive society. In the educational field, reports of teachers' experiences have been recurrent, pointing out both the challenges and the strategies that are created to include deaf students. In this sense, the main objective was to reflect on the challenges and possibilities for teachers to implement pedagogical practices aimed at the inclusion of deaf students in basic education. To this end, we sought to reflect on the multiple experiences of the life trajectory linked to academic literature, revealing the paths, challenges and strategies implemented by teachers who work in the initial years of education for the inclusion of deaf students. It was evident that thinking about pedagogical practices for the inclusion of deaf people in a more solid way requires that teachers learn more about Libras so that they can promote mediation for their students.

**Key words:** Pedagogical Practices, Basic Education, Inclusion of Deaf Students.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 ESCRE(VIDAS) DOCENTE: AS ROCHAS DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>11</b>
<b>4 EDUCAÇÃO DE SURDOS: REFLEXÕES E ARTICULAÇÕES.....</b>	<b>13</b>
<b>5 OS DIFERENTES CONTEXTOS, OS DIFERENTES ATORES, AS DIFERENTES PRÁTICAS: REFLEXÕES SOBRE O QUE SINALIZAM OS (RE)DIRECIONAMENTOS EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO.....</b>	<b>15</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O tema do nosso trabalho de TCC, "Ouvir, não ouvir e o processo de ensino e de aprendizagem: a inclusão do ensino de libras na educação básica", tem-se o intuito de refletir sobre como tem sido a inclusão de alunos surdos na escola básica.

Atualmente, vários tem sido os apontamentos realizados sobre a necessidade de se promover inovações sobre ações e práticas em todos os níveis de ensino, sobretudo, voltadas para a inclusão de alunos surdos, sob o intuito de que todos os discentes possam ter uma sólida formação, principalmente, sob um viés crítico para lidar com as informações de mundo (RIBEIRO, 2017; SILVA, 2016).

Diante do exposto sobre a importância e pertinência da inclusão em diferentes áreas de conhecimento, por meio de um esforço coletivo, tem-se buscado investigar novas possibilidades de inclusão sob os mais diferentes aspectos, principalmente, com a perspectiva de se promover mudanças em um âmbito geral na sociedade para lidar com a inclusão.

Pode-se inferir que em nosso país, um grande passo rumo a transformações e mudanças no campo educacional em relação a inclusão, torna-se garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) (BRASIL, 1996). Portanto, em tal documento apregoa-se necessidades de se garantir a permanência, o respeito e a valorização dos educandos, dentre vários outros aspectos.

Com a Lei 10.436 (BRASIL, 2002) e com o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), teve-se uma guinada em relação a educação de surdos no país, pois, passou-se a contar com o Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais demonstrando-se um redirecionamento do processo de se promover uma educação inclusiva.

Acredita-se que ao refletir sobre desafios e as estratégias que são implementadas pelos docentes em relação a necessidade e prioridade de reconhecer as demandas de acolhimento do aluno surdo no contexto da sala de aula, pode-se trazer benefícios incomensuráveis sobre a prática pedagógica dos docentes, principalmente, sob a perspectiva de se ter empatia com a pessoa deficiente.

Tardif (2002), destaca que no âmbito educacional, pesquisas atreladas as narrativas que se reportam a trajetória de vida e de formação de professores, tem contribuído para intensificar as reflexões sobre as práticas pedagógicas sob as mais diferentes perspectivas e para o processo de resignificação destas.

De acordo com as ponderações de Roldão (1995), a utilização de narrativas vem sendo contempladas há um longo tempo, vislumbrando evidências de tal utilização em diversas culturas enquanto instrumentos educativos, o que pode contribuir para (re)estruturação dos processos de ensino, de aprendizagem e de produção de conhecimento.

Dito posto, em termos de ampliar a discussão e análise a respeito da inclusão de aluno surdo, as narrativas têm o potencial de revelar as diferentes formas e possibilidades que os professores têm desprendido para lidar com o aluno surdo e as nuances que permeiam tal processo, podendo descortinar tanto as vivências quanto as singularidades em termos de inclusão sob diferentes vertentes.

Com base nas ponderações anteriores, tem-se a seguinte lacuna: Quais tem sido os desafios e as possibilidades do professor para a implementação de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos surdos na educação básica?

No Brasil, em relação a trajetória da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), podemos ressaltar que se teve um longo caminho até que se consolidou o reconhecimento desta enquanto uma forma de comunicação e expressão em todo o território nacional, tratou-se de uma grande vitória para todos os cidadãos, a partir da qual, se tem a transmissão de ideias e fatos provenientes das comunidades surda e o respectivo fortalecimento destas (BRASIL, 2002).

Pode-se constatar através do Censo Demográfico (IBGE, 2022), que a população brasileira ultrapassa o patamar de 10 milhões de pessoas surdas. Tal constatação, tem estimulado o desenvolvimento de pesquisas sob diferentes aspectos que possam contribuir para a inclusão do surdo.

É importante destacar que a presença de estudantes surdos no ensino regular e todos os níveis de ensino, tem aumentado nos últimos anos. Tais constatações tem provocado os diferentes setores da sociedade, principalmente, no campo educacional, no

sentido de sensibilização sobre a necessidade de se ampliar as possibilidades de reflexão sobre desafios e estratégias pedagógicas voltadas para a inclusão.

Uma lembrança triste que Janaína Batista, 21 anos, guarda da infância é não ter se comunicado como queria com a mãe, enquanto ela era viva. A jovem brasileira tem deficiência auditiva e, assim como seus pais, desconhecia a língua brasileira de sinais (libras) – universo que descobriu ao conviver com pessoas na mesma situação (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/MEC, 2017).

Diante desses dados e informações, reforça-se a prioridade de estudarmos sobre a LIBRAS, pois, as pessoas surdas que conviveram e as que ainda convivem com situações que deixam cicatrizes, nos estimulam e nos convidam a repensar sobre nossas práticas pedagógicas, sobre nosso papel enquanto educador e como agentes responsáveis por promover transformações sociais, principalmente, em termos de empatia com as especificidades e singularidades dos outros.

O objetivo principal deste relato de experiência consistiu em refletir sobre os desafios e as possibilidades do professor para a implementação de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos surdos na educação básica. Além destes, desvelar como tem sido a inclusão de alunos surdos na escola básica e analisar se as condições didáticas têm possibilitado que os alunos surdos construam seus conhecimentos.

Ao explorar esses objetivos, este trabalho visa contribuir para a promoção da inclusão de alunos surdos ao aguçar o pensamento dos professores em termos de empatia, sobretudo, ao ampliar as possibilidades de aprendizagem, principalmente, pelos ricos reflexos das vivências individuais, exemplificadas pela trajetória de vida e formação da autora.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Nesta investigação científica, inicialmente, procedeu-se a uma revisão junto a literatura acadêmica que versa sobre a temática em questão, envolvendo pesquisa em livros, artigos, dissertações e teses. Para Dorsa (2020, p. 681) trata-se de um movimento inicial a busca por pesquisas similares, pois, “a revisão de literatura é fundamental para a escrita de um texto científico, independentemente do gênero: uma tese, uma dissertação, um projeto ou a escrita de um artigo científico de revisão”.

Diante das perspectivas anteriores, buscou-se por meio desta pesquisa de natureza qualitativa, trilhar por um caminho promissor em relação a sociedade, sobretudo, para que possa despertar o olhar, a sensibilidade e a empatia com as pessoas deficientes. Portanto, teve-se o objetivo de refletir sobre os desafios e as possibilidades do professor para a implementação de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos surdos na educação básica.

Conforme Zanete (2019), em sua pesquisa teve-se um aprofundamento sobre vários aspectos que podem estar relacionados a aprendizagem a partir da pontencialidade do método qualitativo, que impulsionou diversas análises e reflexões. Ademais, destacou que:

O uso do método qualitativo gerou diversas contribuições ao avanço do saber na dinâmica do processo educacional e na sua estrutura como um todo: reconfigura a compreensão da aprendizagem, das relações internas e externas nas instâncias institucionais, da compreensão histórico-cultural das exigências de uma educação mais digna para todos e da compreensão da importância da instituição escolar no processo de humanização (ZANETTE, 2019, p. 159).

De acordo com as pesquisas de Nóvoa (2000), a literatura pedagógica tem sido transpassada por diferentes obras e estudos que versam em relação a vida dos professores, carreiras e percursos profissionais, caracterizando-se com uma produção heterogênea, principalmente, com um mérito indiscutível.

Em conformidade, Bohnen (2011), menciona a importância de se promover pesquisas que contemplem narrativas, visto que:

Uma das principais atividades que o homem realiza através da linguagem é narrar. Contar fatos, experiências, sejam agradáveis ou dolorosos, ajuda a entender melhor a vida, quem somos, como nos constituímos. Ampliando essa visão, percebe-se que o mapa da história da humanidade, em seus múltiplos aspectos, como artístico, cultural,

científico, político, foi desenhado pela narrativa. Descobrimientos filosóficos e científicos muitas vezes se entrelaçam com a narrativa, ou por terem sido motivados por ela ou por dela necessitarem para alcançar veracidade e entendimento. Mesmo a história da humanidade é um imenso e caudaloso relato, construído por atos heroicos, covardias, traições, conchavos políticos, interesses escusos, verdades, mentiras, enfim, grandezas e misérias humanas (BOHNEN, 2011, p. 14).

De acordo com Cunha (2010), ao se reportar as próprias trajetórias de vida e vivências, os fatos e situações vivenciadas, há que se considerar todo um processo de reconstrução de tal trajetória, em que novos significados podem ser atribuídos constantemente em relação ao caminho percorrido, sempre que se provoca tal rememoração, o que pode culminar em novas bases para a compreensão e interpretação do mesmo em face de diferentes contextos.

### **3 ESCRE(VIDAS) DOCENTE: AS ROCHAS DO CONHECIMENTO<sup>1</sup>**

Meu nome é Simone de Oliveira Ferraz. Sempre morei em Santa Cruz do Escalvado. Cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na Escola Estadual “Dr. Otávio Soares” e, dessa época, guardo boas recordações.

Em 2016 passei em um concurso público na cidade de Oratórios- MG, como Monitora de Creche e, apesar da nomenclatura do cargo, nossas funções são de um professor de Educação Infantil. Por me apaixonar pela área cursei Pedagogia e fiz algumas pós-graduações e a próxima etapa é me especializar na Educação Infantil.

Por trabalhar no Centro de Educação Infantil, ainda não recebi nenhum aluno surdo, mas tenho uma amiga de infância que, na época da escola falava muito alto sempre quando conversávamos, ela ficava olhando para a boca de quem estava falando. Para nós, isso era algo normal, já que ela tinha muitos irmãos pequenos e sua família era sempre muito agitada.

Depois que formamos, ela foi para o Paraná e lá descobriu que tinha uma perda auditiva. Aprendeu a se comunicar em LIBRAS e passou a usar o aparelho auditivo. Muitas vezes, ela me mostrava alguns sinais, mas, como eu não tinha com quem praticar, sempre esquecia.

---

<sup>1</sup> Referência do tópico: FERRAZ, Simone de Oliveira. In: AMBRÓSIO, Márcia; PIMENTA, Viviane Raposo. Escre(Vidas) Docente: as rochas do conhecimento. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

No início de 2019, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais ofertou aos profissionais da educação um curso básico de LIBRAS com carga horária de 180 horas. Fui convidada a realizar o curso pela secretária do Centro Infantil onde trabalho.

Foi uma surpresa muito grande ao chegar na sala de aula e me deparar com um professor surdo. Até entendermos o que ele queria dizer, era uma aflição. Cada dia que se passava, era uma vitória. Passamos a perceber como era difícil para os surdos se comunicarem com um ouvinte, como era complicada a vida deles em uma sociedade que fala tanto sobre inclusão e que na verdade, ela está mais no papel do que na prática.

Todas as aulas do curso e as atividades práticas, entre elas palestras, dinâmicas em grupos eram em LIBRAS.

Foi mesmo um ingresso no mundo dos surdos. Uma experiência maravilhosa e ao mesmo tempo triste por perceber o quanto eles são invisíveis e discriminados pela sociedade.

Ao final do curso não saímos fluentes em LIBRAS, mas conseguíamos nos comunicar um pouco com eles.

E deveria ser assim a disciplina Libras nos cursos de graduação. Preparar os professores para se comunicarem com seus alunos. Não adianta ficar na teoria. Precisamos de prática. Qualquer professor está sujeito a receber um aluno surdo em sua turma e mesmo assim, pode não estar preparado. Quando isso acontece, o professor não sabe como reagir diante da situação. Por mais que o aluno tenha o direito de um intérprete durante as aulas, ele se sentiria muito mais incluído se alunos e professores soubessem o básico em LIBRAS.

Recentemente, em um encontro de professores, conversamos sobre o despreparo do professor para receber um aluno especial. Não entramos em muitos detalhes, mas, o suficiente para concluirmos que a culpa não é somente do professor, mas da falta de uma legislação que torne a LIBRAS uma disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino.

Se o professor souber o básico em LIBRAS, conseguirá se comunicar com seu aluno, se um amigo da classe souber o básico em LIBRAS poderão se comunicar melhor... isso é inclusão!

Hoje, nas escolas, temos o inglês como disciplina obrigatória. Mas a probabilidade de recebermos um aluno surdo é muito maior do que a probabilidade de recebermos um aluno estrangeiro. A educação no Brasil precisa ser repensada.

#### **4 EDUCAÇÃO DE SURDOS: REFLEXÕES E ARTICULAÇÕES**

Recentemente, vários pesquisadores vêm destacando em suas pesquisas sobre a necessidade de as pessoas, em geral, conhecerem mais sobre a história dos surdos. Para além da dimensão de apenas se ter conhecimento, potencializar tanto as reflexões quanto os questionamentos em relação desdobramentos desta em relação a distintos contextos da história de evolução da humanidade (COSTA, 2015 & MIRANDA, 2021).

Segundo Souza (2018), desde a antiguidade e parte da Idade Média, as pessoas surdas eram consideradas como sendo incapazes de serem educadas, além de não poderem exercer direitos legais.

Somente no século XVI dá-se início a tentativa de educar surdos. Os pioneiros nessa iniciativa foram nomes como Pedro Ponce de León, John Bulwer e Juan Pablo Bonet. Mas apenas após mais dois séculos, que um religioso francês, Michel de L'Epé, cria um método de ensino as pessoas surdas de Paris, dando início a prática do gestualismo (SOUZA, 2018, p. 2).

Por volta de 1855, dá-se início a história de educação de surdo no Brasil, conforme Silva & Gonzales (2020, p. 2), “foi criado por D. Pedro II, no centro do Rio de Janeiro, o primeiro instituto de Surdo-Mudo do Brasil. Esse mesmo instituto, depois de algum tempo, passou a ser denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que é nos dias atuais referência na educação brasileira de surdo”.

Pelas proposições de Santos & Batista (2019), em linhas gerais, pode-se destacar que os surdos só ganharam um lugar para serem atendidos em um período mais recente da história de evolução da humanidade, pois:

A educação dos surdos como conhecida atualmente, é fruto de um extenso e em constante evolução processo histórico de formação. Ainda que diversos avanços tenham sido conquistados e seus direitos básicos sejam garantidos constitucionalmente, objeto de constantes produções

legislativas muito ainda resta a ser feito para proporcionar a toda à comunidade surda no Brasil acesso à educação de qualidade. (...) Reconhecer a comunidade surda como um grupo que é sujeito de direitos, com costumes, história, tradição e peculiaridades em comum, significa conferir dignidade a toda à comunidade formada por surdos e ouvintes que participam da vida familiar, social, educacional e compartilham interesses (SOUZA & BATISTA, 2019, p. 63).

Diante do exposto, Brandão & Almeida (2019) destacam que se tem intensificado tanto em cursos de formação inicial quanto de formação continuada de professores as reflexões sobre a cultura surda, no sentido de sensibilizar os educadores a desenvolverem suas práticas pedagógicas atreladas aos preceitos de tal cultura. Ainda, conforme os autores em questão, há que se alavancar em termos de pesquisas de modo mais direcionado às práticas dos docentes, visto que:

O termo Cultura Surda tem ganhado força nas correntes acadêmicas produzidas por surdos e ouvintes. Nessa terminologia agrega-se toda uma riqueza de características próprias do cotidiano das pessoas surdas. Na contemporaneidade, há uma busca pela representatividade do próprio sujeito surdo com referência àquele que domina a sua língua e serve de exemplo de empoderamento para outros indivíduos através de mecanismos de difusão atrelados às mídias sociais. Existe por trás dessa configuração terminológica de Cultura Surda, uma representatividade identitária que, embora pareça oculta, está presente nas maneiras revestidas de autorreferencialidade do sujeito surdo se posicionar, no modo e nas particularidades linguísticas de como se constroem os conceitos e na forma visual de experimentar novas sensações e conceber tudo aquilo que lhe é oportunizado (BRANDÃO & ALMEIDA, 2019, p. 6).

Para Santos (2021), não há como negligenciarmos o fato de que tanto a escola quanto o professor devam buscar novos conhecimentos e práticas que possam corroborar para a inclusão e o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, pois:

o sucesso do ensino em sala de aula depende da forma como o professor conduz as suas atividades, adequando às necessidades dos alunos, no entanto no que tange a Educação Inclusiva para surdos, os desafios por parte dos professores são evidentes, visto que muitos desconhecem a cultura surda, e não tem o domínio de Libras- Língua Brasileira de Sinais, a forma como os surdos aprendem a escrita da língua oral (SANTOS, 2021, p. 26).



A educação tem um papel essencial no processo de transformação e mudança social, principalmente, buscando-se proporcionar a todos os cidadãos não só o acesso a escola, mas as condições ideais para aquisição de conhecimento. Nessa linha de raciocínio, Santos (2021), relata que:

O fato de o professor assumir um papel de grande relevância na mediação do processo de ensino-aprendizagem para com estudantes das mais variadas especificidades, faz com que este deva estar preparado para saber lidar, diariamente com qualquer tipo de situação que apareça em sua sala de aula, o ensino somente é completo quando, além dos profissionais da educação das mais diversas áreas, a escola também fornece variados recursos para que os estudantes tenham total estímulo visual, compreendendo bem as aulas (SANTOS, 2021, p. 9).

Com base nas perspectivas anteriores, pode-se inferir que está mais evidente na contemporaneidade que o professor e a escola passem por um movimento de transformação, principalmente, em busca de novas possibilidades em termos de prática educacional que primem pela inclusão e que possa satisfazer as peculiaridades e singularidades de cada sujeito.

## **5 OS DIFERENTES CONTEXTOS, OS DIFERENTES ATORES, AS DIFERENTES PRÁTICAS: REFLEXÕES SOBRE O QUE SINALIZAM OS (RE)DIRECIONAMENTOS EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO**

...não nos importa que nos marquem como refugos, como excluídos, como anormais. Importa-nos quem somos, o que somos e como somos. A diferença será sempre diferença. Não tentem colocar todos os capitais do mundo para declarar-nos diversos porque não é isso que estamos significando. Continuamos a ser diferentes em nossas formas. Continuamos a nos identificar como surdos. Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com o nosso jeito de ser surdos.

**(GLADIS PERLIN, 2007).**

Em meio a inúmeras transformações e mudanças que a sociedade vem presenciando, principalmente, no âmbito educacional tem se tornado recorrente a

necessidade de o professor estar atualizado em relação a novas metodologias de ensino sob o intuito de que possam implementar práticas pedagógicas sob o viés inclusivo.

Segundo Ferreira (2021), quando buscamos descrever nossas vivências em relação a pessoa surda, na maioria das vezes, nos vem a mente o quanto desconhecíamos sobre a cultura dos povos surdos. Tal exercício de descrição nos permite traçar novos rumos e encaminhamentos, cujas metodologias adaptadas podem contribuir substancialmente para a aprendizagem e a inclusão.

(...) tenho uma amiga de infância que, na época da escola falava muito alto sempre quando conversávamos, ela ficava olhando para a boca de quem estava falando. Para nós, isso era algo normal, já que ela tinha muitos irmãos pequenos e sua família era sempre muito agitada.

Depois que formamos, ela foi para o Paraná e lá descobriu que tinha uma perda auditiva. Aprendeu a se comunicar em LIBRAS e passou a usar o aparelho auditivo (...)

Nos relatos acima, pode-se perceber os pressupostos elencados por Ferreira (2021), pois, o olhar para si mesmo, através das descrições de nossa trajetória podem desvelar diferentes contextos e diferentes entendimentos que julgávamos ter em relação as informações de mundo. Portanto, conforme ressalta Zeichner (2018), o professor precisa se tornar um eterno pesquisador de sua própria prática, de suas experiências, de suas estratégias para potencializar tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem.

Na mesma direção de pensamento dos preceitos anteriores, Guimarães (2022), menciona que:

(...) é preciso ver, ouvir, sentir, estar e se fazer presente nesse universo, mas, do ponto de vista de quem realmente precisa ser visto, sentido e ouvido: o surdo. Somente entendendo suas reais dificuldades, suas necessidades e o que pode ser feito é que mudaremos o presente e, assim, não repetir os mesmos erros do passado para quem sabe, darmos a todos, as mesmas oportunidades educacionais já garantidas por lei. Não basta que esse aluno esteja em sala de aula, que ele seja aceito. É preciso criar formas e estratégias capazes de favorecer experiências e aprendizados significativos a esse aluno, que ele possa ser percebido pela comunidade escolar, assim como a própria comunidade possa com ele aprender, ao se fazer presente e se sentir parte integrante de um todo. Não basta aceitar, é preciso incluir (GUIMARÃES, 2022, p. 83).

De acordo com Lima (2017), atrelado ao processo de formação docente, todas as escolas regulares precisam levar em consideração tanto a necessidade quanto a prioridade de se ajustarem para melhor atenderem e com qualidade todos os estudantes, independentemente das condições destes, seja: física, social, linguística ou outras, pois:

A formação de um indivíduo em qualquer licenciatura o levará para um mundo onde sempre estará trabalhando em conjunto com outros professores, com coordenadores, assistentes pedagógicos e diretores que assumem o desafio de promover o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de todos os estudantes. Emerge, assim, o desafio profissional de criar estratégias para promover a inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular, a partir do reconhecimento das necessidades individuais de cada um (LIMA, 2017, p. 2-3).

Para Ferreira (2021, p. 35), vários aspectos podem dificultar o trabalho pedagógico do professor para mediação do aluno surdo, principalmente, “diversos contratempos com relação a disposição de educadores qualificados, de modo que venham a aprender a lidar com as diferenças e ensinar aos aprendentes a aceitar o outro e suas particularidades”.

No início de 2019, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais ofertou aos profissionais da educação um curso básico de LIBRAS com carga horária de 180 horas. Fui convidada a realizar o curso pela secretária do Centro Infantil onde trabalho.

Foi uma surpresa muito grande ao chegar na sala de aula e me deparar com um professor surdo. Até entendermos o que ele que queria dizer, era uma aflição. Cada dia que se passava, era uma vitória. Passamos a perceber como era difícil para os surdos se comunicarem com um ouvinte, como era complicada a vida deles em uma sociedade que fala tanto sobre inclusão e que na verdade, ela está mais no papel do que na prática.

Apesar das evidências elencadas anteriormente, a introdução de Libras nos cursos de formação inicial docente é recente, no caso da formação continuada, ainda são poucas as ofertas de cursos de capacitação docente, fato que vem dificultando a implementação de práticas pedagógicas que sejam mais alinhadas com a comunidade surda.

Com o olhar para a Educação Inclusiva, mais precisamente para a Educação de Surdos, o professor possui o papel de oportunizar a socialização e a interação na sala de aula. O docente que não identifica

as peculiaridades dos alunos e as potencialidades deles não apresenta um currículo flexível à necessidade dos educandos. Pensando em uma Educação Inclusiva, o professor capacitado atua na diversidade, entende as diferenças e enxerga as potencialidades dos alunos; assim, junto a eles, constrói o conhecimento na sala de aula. Por esse motivo, nota-se a importância do ensino de Libras nas licenciaturas, com o intuito de quebrar os preconceitos, visualizar o aluno surdo como um ser de direito e tornar o professor um profissional que visa à inclusão de todos (BAIENSE, MACHADO & SILVA, 2023, p. 2).

Por se tratar de uma segunda língua, o processo de ensino dos diferentes conteúdos que estão sendo abordados precisa ser pensado com a presença do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais. No entanto, somente a presença do intérprete não é garantia de aprendizagem, demanda conhecimento em relação a Libras pelo professor, tal como aponta Batista (2016):

O intérprete assume papel fundamental, pois é ele que dá significado às palavras, às formas, às fórmulas que o professor está ensinando. Nessa interação entre o aluno surdo e o professor, sendo o intérprete o mediador, o professor regente deve ficar atento ao aluno para observar se ele está compreendendo o conteúdo. O que pode acontecer é que o intérprete não consiga entender o que está sendo sugerido pelo professor e este não ofereça uma interpretação favorável para o aluno (BATISTA, 2016, p. 98).

Não é algo fácil pensar em práticas pedagógicas que possam abarcar diferentes especificidades e singularidades, mas se pensarmos sobre estas a partir de uma ação colaborativa, que envolva todos os professores, gestão escolar, familiares e até mesmo outros profissionais que porventura acompanhe o aluno, se amplia muito as possibilidades para aprendizagem.

É inegável que conseguimos avançar bastante para um ensino inclusivo de surdos. A presença de intérpretes de libras materializa este avanço. Entretanto, a realidade escolar do surdo é povoada de situações que muitas vezes resultam na evasão. O amparo legal garante o acesso à escola, mas não implica dizer que haverá sucesso na aprendizagem e na formação do ser. A diversidade presente nas escolas está além das deficiências, está nas percepções acerca delas, por parte de alunos e professores, impactando nos processos interativos e cognitivos dos estudantes surdos (SENA, SERRA & LIMA, 2022, p. 2).

Vários tem sido os relatos de docentes sobre a chegada de aluno surdo em suas respectivas salas de aula. Para muitos, é um momento de intensos desafios porque acabam

se sentindo fragilizados em suas práticas devido ao pouco contato ou nenhum com surdo, seja durante a formação ou até mesmo em suas trajetórias de vida. Entretanto, não basta pensarmos em ações individuais para darmos conta da complexidade que envolve o processo inclusivo, conforme indica Lima (2017), há que se considerar que:

Conforme estabelece a LDB, com o objetivo de atender às especificidades dos estudantes com necessidades especiais, os sistemas de ensino devem assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos e organização específicos. Além de que os professores também devem receber formação específica para o trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais. Dessa forma, uma importante mudança nesse movimento inclusivo é o fato de que coloca em perspectiva a necessidade fundamental de se considerar a influência do currículo, das estratégias pedagógicas, dos recursos didáticos, da organização escolar e da cooperação entre os profissionais da educação. Assim, o sucesso escolar não é visto somente como mérito dos alunos, mas também dos professores e da escola, os quais devem criar metodologias e estratégias de ensino para as crianças com necessidades especiais (LIMA, 2017, p. 3).

Diante dos apontamento anteriores, compreendemos que, a realidade que envolve o trabalho docente na grande maioria das escolas de educação básica do país, demanda mais perspectivas de formação continuada tanto dos professores quanto dos demais atores que compõem os quadros das instituições de ensino, para que possam melhor atender os alunos surdos. Assim, os principais desafios em termos de comunicação podem ser eliminados e de fato a inclusão dos surdos.

## 6 CONCLUSÃO

**“O silêncio torna-se uma barreira entre surdos e ouvintes,  
mas a língua de sinais pode quebrá-la”.**

(Autor desconhecido)

Conclui-se que as narrativas ressaltam a necessidade de um direcionamento em termos de articulação relativo a transpor barreiras atitudinais, seja atrelado a formação

inicial e continuada de professores com vistas a dinamização sobre o conhecimento de Libras e, principalmente, diversificação em termos de estratégias do processo de ensino e de aprendizagem.

Outro aspecto observado é o reconhecimento de adequações em torno do processo educacional, ao passo que as adequações nos espaços escolares são compreendidas como espaços profícuos para ocasionar reflexos na sociedade como um todo, ou seja, como base para promoção de mudanças sociais, sobretudo, em relação a cultura surda.

Pode-se perceber que o processo de formação continuada de professores demanda intervenções no sentido de que os professores tenham mais contato com surdos, buscando-se apropriar melhor da cultura do povo surdo, principalmente, tendo-se empatia com tais indivíduos.

Observou-se também, muitos dos empecilhos quanto ao processo de inclusão estão relacionados a incentivo do governo, tais como: recursos didáticos e equipamentos específicos, adaptação de livro didático para o surdo.

Por fim, acreditamos que pensar sobre as práticas pedagógicas para a inclusão de surdos de modo mais sólido, requer que os professores tenham um maior aprendizado da Libras para que possam promover a mediação de seus alunos.

## **7 REFERÊNCIAS**

ASSESORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/MEC. Dia nacional da Libras é celebrado com novidades na aprendizagem para surdos. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/47771-dia-nacional-da-libras-e-celebrado-com-novidades-na-aprendizagem-para-surdos> Acesso: 25/08/2023.

Joyce Karolina Ribeiro Baiense. Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado. Rafael Monteiro da Silva. A importância da formação docente para a Educação de Surdos nos ambientes educacionais. Educação Pública. 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/20/a-importancia-da-formacao-docente-para-a-educacao-de-surdos-nos-ambientes-educacionais> Acesso: 29/08/2023.

BATISTA, Orleilson Agostinho Rodrigues, 1975- O uso dos recursos didáticos do ensino de matemática para alunos surdos: uma proposta de material voltado para o ensino de matrizes e das relações métricas no triângulo retângulo. Dissertação Mestrado Profissional em Ciências e Matemática/UFA. 2016. 159 f.

BOHNEN, Neusa Teresinha. A jornada do herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional do professor. Dissertação de Mestrado/PPG/UFG. 2011. 91 f.

BRANDÃO, Roberta Alena de Alcântara. ALMEIDA, Wolney Gomes. Surdez, língua e cultura: a libras protagonizando a(s) identidade(s) cultural(ais) do surdo. XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Acesso em: 29 ago. 2023.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

COSTA, Alessandra Campos Lima da. A Sinalização de Histórias em Libras: Aspectos Linguísticos e Extralinguísticos. Dissertação de Mestrado/PPG/LL/UFG. 2015. 154 f.

CUNHA, Maria Isabel da. Narrativas e formação de professores: uma abordagem emancipatória. IN: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGOS, Rita de Cassia (ORGs). Espaços, tempos e gerações. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 199-213.

FERRAZ, Simone de Oliveira. In: AMBRÓSIO, Márcia; PIMENTA, Viviane Raposo. Escre(Vidas) Docente: as rochas do conhecimento. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

FERREIRA, Leidiane da Costa. A importância da libras na educação infantil para crianças surdas e ouvintes: o que os estudos nos dizem. TCC/UFP. 2021. 43 f.

GUIMARÃES, Claudia Consolação de Cássia. o aluno surdo e a sala de aula: aceitação ou inclusão? Pedagogia Ação. Belo Horizonte, v.19, n. 2. 2022.

Poliana Carvalho de Lima. A inclusão escolar a partir da percepção de professores e de licenciandos. UNB. 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19575/1/2017\\_PolianaCarvalhodeLima.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19575/1/2017_PolianaCarvalhodeLima.pdf) Acesso: 29/08/2023.

MIRANDA, Christianne Câmara Lopes Albuquerque. Um estudo sobre o estado do conhecimento produzido em relação à tecnologia e educação de surdos no Brasil de 1999 a 2018. Dissertação de Mestrado/PPGE/UFOP. 2021. 146 f.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). A vida de professores. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

RIBEIRO, Sátilla Souza. Estratégias pedagógicas para a permanência de estudantes surdos na Educação Superior. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2017. 147 f.

SILVA, Daniela da Conceição da. Ressignificando as práticas didáticas utilizadas na sala de recursos multifuncional para a inclusão de alunos surdos no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Biologia, 2016. 153 f.

SILVA, José Matheus Pinheiro da Fonseca da. GONZALES, Kátia Guerchi. Percurso Histórico da Educação de Surdos no Brasil. In: V ENAPHEM ? Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática., 2020, NATAL. ANAIS DO V



ENAPHEM ? Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática., 2020. p. 1-6.

SANTOS, Luzmaia Cândida dos. BATISTA, Gustavo Araújo. A educação dos surdos no Brasil: aspectos históricos e a evolução da filosofia educacional especial. Cadernos da Fucamp, v.18, n.33, p.62-69/2019.

SANTOS, Messias Silva. Os desafios da inclusão do aluno surdo na escola. Monografia. Faculdade Ages. 2021. 50 f.

SENA, Lílian de Sousa SERRA, Ilka Márcia R. de Souza, LIMA, Márcia Raika e Silva. Ensino remoto emergencial e a mediação de intérpretes de Libras no município de Timon – Maranhão. Roteiro, Joaçaba, v. 47, jan./dez. 2022.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso: 29/08/2023.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. (Orgs.). Cartografias do trabalho docente. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil — ALB. 1998.